

Recife(PE), 22 de fevereiro de 1958

Meu caro Sérvulo:

Passei 25 dias de férias em Fortaleza, onde tive o prazer de encontrar-me com Anthony e Zeneuda, que me mostraram uma de tuas cartas, em que falavas sôbre as possibilidades de realizar — nos algum negócio. Discuti o assunto com o Miguelito e te darei o resultado de nossa conversação:

Fábrica de Papel - O fabrico de papel de bagaço de cana já foi objeto de estudo por parte de mais de uma firma. Parece que todas as iniciativas têm sido abandonadas em virtude de não existir mercado para a produção, segundo estudos realizados pelo Banco do Nordeste do Brasil.

Fábrica de Extrato de Frutas - É preciso esclarecer se o rapaz com quem falaste em Annecy (é êste o nome da cidade?) deseja vender a fábrica ou transportá-la para cá. Na primeira hipótese, seria bom se te informasses do seu custo. Na segunda, de acôrdo com a Instrução 113 da SUMOC, êle poderia trasladá-la para o Brasil, sem qualquer dificuldade. Nêste caso, qual o lucro que nos caberia?

Registro da Firma - Acha Miguel não ser conveniente o registro da firma com capital tão insignificante: 10.000,00. O capital convertido em moeda estrangeira daria uma ninharia e não inspiraria confiança. Caso surja algum negócio que nos interesse, poder-se-ia realizá-lo através de uma firma amiga e de maior projeção, o que não será difícil conseguir.

Acho que, sôbre negócios, era o de que necessitavas saber.

Vejo, com satisfação, que já estás ambientado em Paris, e que, aos poucos, vais reunindo em torno de ti um bom círculo de amigos. Não tenho dúvidas quanto ao teu êxito, pois para obtê-lo dispões de grande fôrça de vontade e do dom artístico que Deus te deu e que soubeste aproveitar.

Este começo de ano, para mim, caracterizou-se pela abundância de surpresas. Ao chegar de férias aqui, tomei conhecimento de uma reforma do currículo médico em estudo pelo Conselho Técnico da Faculdade, como medida preliminar para adaptar a oficial, que já se encontra em projeto de lei, aprovado pela comissão de Educação da Câmara, e que descera a plenário agora, em fevereiro.

A reforma, que é necessária, pois visa a dotar o estudante de Medicina da prática necessária ao exercício da profissão, tem vários inconvenientes, e o maior é o de deixar o curso médico ao alcance, apenas, dos "filhinhos de papai rico", que, como tal, são, exatamente, com raríssimas e honrosíssimas exceções, os que menos estudam, pois já nascem ricos e não têm ideal. Esta reforma preliminar poria por terra todas as minhas possibilidades de terminar o curso, o que, a esta altura, após cinco anos de estudo, era uma injustiça. Procurei reorganizar a turma, realizei assembléias gerais, consegui, pela primeira vez na escola, que os estudantes debatessem um assunto com o diretor e os demais professores da Escola, coisa até então julgada impossível, por ser o diretor homem de mentalidade feudal, autosuficiente, prepotente e vaidoso. Conseguimos, com enorme dificuldade, contornar a situação e conciliar os nossos interesses particulares com os da Escola, embora com maior sacrifício de nossa parte.

Quando estava em plena efervescência o movimento dos doutourandos, abri, uma tarde, o jornal e constato, com grande surpresa e certa tristeza, que um livro de contos meu, inscrito em começo de 1956, fôra premiado em 1º lugar num concurso de literatura promovido pelo Governo do Estado. Há de pensar que estou "com máscara" ao dizer que fiquei triste com um prêmio que a todos contentaria, visto que conferido em um concurso limpo, cuja comissão julgadora era composta de membros da Academia Pernambucana de Letras. Mas, explico-te: êsses foram os primeiros contos que escrevi, por volta de 54 e 55. Dois dêles já haviam sido premiados no Concurso de Contos de "A Cigarra" e, dêstes, um conseguira menção honrosa num concurso internacional promovido pela revista "Mundo Estudantil", editada em Praga, em 7 idiomas. No último dia de inscrição, à última hora, intempestivamente, resolvi reunir 7 contos e inscrever-me no concurso. Para teres idéia da pressa, basta que te diga que nem título o livro tinha e foi posto no ato de entrega. Posteriormente, refletindo com mais calma, cheguei à conclusão de que agira apressadamente, pois os contos em sua maioria (apenas um - "Verso e Reverso" julgo ter qualidades) não mereciam figurar em concurso não só porque destituídos de valor, como também por não representarem a minha produção daquela época. Pensei em retirar o livro do concurso mas, decorridos vários meses, sem que nenhum pronunciamento oficial fôsse dado, achei que os contos estavam perdidos em alguma gaveta da Secretaria

da Educação e dificilmente seriam localizados. Essas suspeitas aumentaram quando vi publicadas as bases para o concurso de 57. Agora, começo de 58, abro o jornal e dou com a notícia do resultado do concurso relativo aos dois anos: 1956 e 1957. A minha tristeza decorre, portanto, do fato de sentir que os contos já estão superados e ter que publicá-los. Fui à Secretaria ver se era possível evitar sua publicação, mas a moça encarregada do Departamento de Cultura (também premiado no mesmo gênero), que teve grande trabalho em reorganizá-lo, e que deu vida ao concurso, estranhou a minha atitude e tenho a impressão de ter sido involuntariamente, grosseiro. Devo ir lá pedir desculpas e justificar minha atitude. Atendeu-me ela com a maior solicitude, disse-me que poderia fazer alterações nos contos, desde ^{que} não modificassem profundamente sua estrutura. Se quizesse, poderia até ilustrá-los. Consultei o Osman Lins (grande amigo de Ligia e, talvez, o autor mais premiado do Brasil). Ele já conhecia os contos e fez restrições a todos êles, com exceção de um só, que escrevera recentemente (1957) e que não figura no livro premiado. Achou, porém, que deveria consentir em sua publicação, pois julga que os contos não estão, de todo, destituídos de valor. Não há prêmio em dinheiro. O livro será publicado, caberão ao autor 100 exemplares, e será distribuído a todos os críticos do País. É, pois, uma oportunidade para tornar o autor conhecido. Estou, no momento, às voltas com a tarefa de refundi-los, o que me é sumamente penoso. Se estivesse no Brasil, sem grandes afazeres, convidar-te-ia para ilustrá-los, o que seria uma grande honra para mim, pois se os contos cansassem o leitor, as tuas ilustrações compensa-lo-iam da tarefa de lê-los. Gostaria de conhecer tua opinião sobre se devo ou não publicá-los. Deverei entregar o livro definitivamente modificado em fins de abril.

Anthony e Zeneuda já retornaram a Senador Pompeu. Fizemos tudo para ver se Anthony conseguia a gerência de Garanhuns, mas todos os nossos esforços foram inúteis. Vamos aguardar outra oportunidade.

Faleceu, no dia 10, vítima de câncer Pancetti, grande pintor de marinhas, e um dos grandes nomes da arte brasileira. Expôs no Recife, com sucesso, Hansen, gravador da Bahia, se não me engano. Estou movimentando os parentes para fazerem doações

ao Museu de Arte Popular de Crato. Recomendações a Violeta, a Leffe, Heron e família.
Um grande abraço do amigo, às suas ordens